



ILUSTRACÃO
PORTUGUEZA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»

Director—J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor—ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Hespanha:
Trimestre 6\$50—Semestre 13\$00—Ano 26\$00
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00—Ano 28\$00
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00—Ano 34\$00

NUMERO AVULSO, 50 CENTAVOS

Pedação, administração e oficinas:—Rua do Seculo, 49, LISBOA

A BELEZA É ETERNA

Depilatorio electrico radical e inofensivo: o unico que tira progressivamente os pelos para sempre. *O MELHOR DO MUNDO—Descamacao artificial:* o processo mais moderno de rejuvenescimento, com a mascara de beleza; tira manchas, sardas, rugas, vermelhidão e todas as imperfeições da pele.—*Productos de Lirio florentino:* tiram os pontos pretos do nariz e rosto.—*Productos elosmeny:* contra a verme hídrico do nariz e rosto; resultados seguros.—*Productos d'Acacia:* para curar a gordura e luzidio da pele, dando-lhe um avelludado incomparavel.—*Productos Civette:* fecham os poros, tornando a pele unida e fina.—*Productos Yildizienne:* para fazer crescer e alongar as pestanas e sobrancelhas, curando todas as inflamações.—*Productos Mesdjem:* para a toilette das unhas, com uma lição e para os cuidados das mãos.—*Productos Mizubita:* para fazer desaparecer as rugas e rejuvenescer.—*Productos Staffe:* para emagrecer o rosto ou o corpo.—*Productos Orion:* para engordar o rosto ou o corpo.—*Productos elect-co:* para diminuir ou desenvolver e enrijecer os seios; resultados em 3 tratamentos.—*Productos Yildizienne:* para a beleza e conservação dos dentes sãos e contra os dentes descarnados.—*Productos Rainha da Hungria:* fazem a beleza e hygiene da cutis, evitam rugas e todas as doenças de pele.—*Productos contra acnès:* ainda que as mais antigas.—*Productos sudorificos:* contra a transpiração do rosto, corpo e pés.—*Productos Mesojem:* contra os joanetes, olho de perdiz e calos.—*Productos Imperatriz:* branqueia a pele naturalmente, ainda que muito morena.—*Productos esmalte:* branqueia a pele artificialmente sem se conhecer.—*Cremes de massagem, medica e estetica:* para emagrecer ou para engordar o corpo ou rosto.—*Productos de grande beleza:* para as faces, labios, olhos, boca, cabelos, mãos unhas, seios, toilette intima o grande toilette, etc., etc. *Saes para banho e sabonetes,* pós de talco, vinágras de toilette, etc., etc.—*Productos Kaskarina:* para tirar

para quem usa os produtos da ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA e faz as massagens ou compra os aparelhos electricos indicados. E' a unica casa em Portugal onde se fazem tratamentos serios. Todas as senhoras que se presam devem experimentar uma só massagem para confronto, e os seus produtos para os fins desejados a seguir

verrugas.—*Balsamo Yildizienne:* para tirar os sinais das beixas e todas as cicatrizes adherentes ou chloides.—*Schampoo para lavar a cabeça:* especies para as diferentes cores do cabelo, evitando e tirando a caspa, fazendo-os crescer.—*Productos Yildizienne:* para pintar os cabelos em todas as cores e recolora-los naturalmente sem pintar, curando a canice, calvice e todas as doenças do couro cabeludo em todas as edades e em todos os casos.—*Brilhantinas especies para usar com estes productos:* para fazer e favorecer a ondulação Marcele, para desfrisar os que são excessivamente naturalmente frisados.—*Regenerador Masdjem:* para corar os brancos em 8 dias.—*Pós d'arroz scientificamente preparados para cada natureza de pele:* cooperosica, fiacada, seca, gorda, vermelha, rugosa, eczematosa, com sardas, pontos negros, herpética, com verrugas, com manchas, etc., etc.—*Alcoolatos:* para queimar, perfumando e desinfectando os aposentos.—*Aparelhos electricos, vibratorios e de alta frequencia:* fabricados especialmente para o metodo de massagem estetica e medica empregado por Madame Campos, com catalogos illustrados ensinando todos os tratamentos.—*Aparelhos especies:* para corrigir os defeitos esteticos do nariz, das faces, da segunda barba, etc., etc.—*Aparelhos:* para afinar os dedos e tirar os joanetes.—*Aparelhos:* para o desenvolvimento e enrijamento dos seios.—*Aparelhos:* para os donches dos olhos contra as ruas, fraqueza da vista, olheiras, papos nas palpebras e para dar brilho aos olhos.—*Pentes e escovas electricas:* para curar a calvice e fazer crescer o cabelo.—*Esponjas electricas:* para massagens.—*Estoijos:* para unhas e todos os utensilios para manucure.—*Pulverisadores a vapor:* conti, as rugas, para fechar os poros e contra doenças de pele. *Lampadas de luz* para o tratamento da pele.—*Aparelhos Orion:* para a massagem manual. *Escovas* para a massagem pessoal do corpo, com electricidade e sem electricidade.

Academia Scientifica de Beleza
Avenida da Liberdade, 23—LISBOA

DESCONTOS AOS REVENDEDORES. Vendas por grosso e a retalho. Telefone 3-641-N. Teleg. Belazak. Resposta mediante estampilha. Catalogos illustrados com todos os tratamentos e productos a \$100

MELINA

MATA-FORMIGAS

Vende-se em toda a parte.
Deposito geral:

Fernandes, Almeida & C.ª Limitada

RUA DO LARGO DO CORPO
SANTO, 10, 1.º

“NOTA ELEGANTE”

O passo ruge-ruge de uma mulher atraente, o seu olhar acolhe-nos... Mas os seus pésinhos bem calçados, seduz-nos!!!

Os sapatinhos mais elegantes, vendem-se na sapataria **O Modelo de Paris**

TELEF. C. N.º 2885

Virgilio Prieto Limt.ª

R. do orêto n.º 19—Chiado

TRABALHOS TIPOGRAFICOS

em todos os generos

Fazem-se nas oficinas

na

“Ilustração
Portuguesa”

R. do Seculo, 43

LISBOA

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

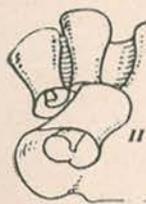
Consultas todos os dias uteis das 12 às 2 horas e por correspondencia. Enviar 40 cent. para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 4.º Esq. (Cimo da rua da Alegria, prediosquina).

Ver, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO «SECULO»

PREÇO. 20 CENTAVOS



FALEMOS hoje um pouco de nós.

Nos ultimos tempos a *Ilustração Portuguesa* apaixonou-se pelos modernismos da literatura e da arte, pelas arrojadas concepções do que uma e outra poderão vir a ser no futuro. Paixão foi ela tão absorvente, que a grande maioria dos seus leitores, que lhe merecera sempre atenções especiaes quanto aos seus gostos, á sua curiosidade e á cultura do seu espirito, sentiu-se esquecido, abandonada, e, por fim, abandonou-a tambem ao seu destino.

Este plebiscito, nem sempre tacito, tão desfavoravel á nova escola—digamo-lo com franqueza—não significa, quanto a nós, a exclusão da possibilidade do seu triunfo daqui a um seculo e, quem sabe, se daqui a anos, atendendo á vertiginosa celeridade, com que tudo caminha actualmente.

Por quantas fases, algumas bem estranhas á natural evolução dos povos e até rebeldes ás leis da historia, não tem passado esta sociedade em cerca de 8 seculos de existencia, no seu complexo modo de ser e, principalmente, na sua literatura? Ninguém alimentará sequer a esperanza de que ela se detenha agora na sua marcha impetuosa. O que, pelo consenso geral, se entende, é que devemos moderar o impeto febril, com que se vai engeitando e demolindo o que, por emquanto, passa ainda pelo mais belo que possuímos.

O seculo XVI, com todas as suas grandezas de braço e de espirito, levou seculos a preparar. Sem se dar muito por isso, a sua gestação começou em plena idade media. De resto, o velho clacissimo viveu sempre refugiado nos muros de Bisancio, demolidos pela renascença.

Mas quanto tempo levou a armar a derrocada do seculo XVII? E provocaria ela a subita e indignada reacção que lhe sobreveio, se nos fossem habil e paulatinamente habituando a quanto ela nos trouxe e achámos então insupportavel?

Demos tempo ao tempo, como reza a sabedoria popular.

E', sem duvida, mais intoleravel e até ridiculo pretender imitar hoje Fernão Lopes, o venerando cronista de D. João I, do que qualquer dos nossos actuaes inovadores literarios. Não ha, todavia, nem velho nem novo que se não curve respeitoso e enternecido perante o

dizer austero do patriarca da nossa historia, como perante a mole severa e grandiosa da Batalha.

Não conhecemos nada de mais admiravel do que o fino e imaginoso rendilhado manuelino. Pois é porventura aceitavel que a vaidade do *Rei Afornado* o fosse enxertar na severidade medieval do templo, onde repousa o nosso rei mais popular, sendo essa vaidade a primeira a arrepender-se para o ir depois impôr nos Jeronimos á admiração universal?

Os que só conheceram o gotico na majestosa simplicidade das suas linhas, tão simples como a sua fé, o seu viver, a sua mentalidade e a sua valentia; os que jazem sob a abobada imensa de Santa Maria da Vitoria, se voltassem a este mundo, achariam propriedade e os verdadeiros encantos ao gotico requintadamente florido?

Se ha muito se não escreve á maneira de Fernão Lopes, nem se erguem edificios á semelhança sequer da Batalha, não é de espantar que d'aqui a tempo, impossivel de determinar, as paginas de Herculano, límpidas como o cristal e vibrantes como o aço, sejam consideradas simplesmente interessantes reliquias de mostruario, e a formosa e larga obra do lapis genial dos Bordalos como uma curiosa velharia de museu.

Não tenhamos, porém, pressa de lá chegar, nem tão pouco combatamos as tendencias dessemeadas dos novos. Vão eles ter—cremos que não tardará muito—uma publicação periodica especial, que seremos os primeiros a ler, procurando sentir e compreender as suas belezas, porque homens com indiscutivel talento hão de revelá-lo sob qualquer forma que seja, e a sua bem poderá ser a do futuro.

A *Ilustração Portuguesa* volta a ser o que era, esforçando-se por melhorar as suas secções de harmonia com o seu plano anterior e com o interesse do publico que a lê.

Se um dia, vencidos ou convencidos, viermos a comungar nos principios da nova escola, é porque a sociedade portugueza terá, a esse tempo, atingido a fase mental em que os nossos leitores não podem deixar de nos acompanhar tambem.

E será então caso para nos congratularmos por irmos em tão excelente companhia.

Pela Direcção,
ANTONIO MARIA DE FREITAS.

PORTUGAL PITORESCO



No Pinhal de Leiria

UMA grande parte do nosso paiz, talvez mais da quarta, está desaproveitada com grande prejuizo economico para nós, pois que por toda essa superficie podia haver um arvoredo cerrado dezenas de vezes superior ao Pinhal de Leiria, a nossa mais bela e vasta floresta, on'e ha lindis-

simos e gigantescos exemplares de pinheiros, como se não vêm noutra região.

Não ha nada mais agradavel no pino do estio á hora do sol ardente, do que acolher-nos á sombra de uma d'essas formossissimas e robustas arvores.



Lavadeiras em Ermezinde



No pateo de uma casa-rústica em Gatão (Amarante).

Clichês do distinto fotografo portuense Domingos Alvão, antigo colaborador da *Ilustração Portuguesa*, que a continuará a honrar com os seus trabalhos.

Portugal e Brazil

Um grande laço de amizade entre os dois povos irmãos

O estreitamento da amizade entre Portugal e Brazil, os dois povos atlânticos que falam a mesma lingua e se orgulham dos mesmos imortaes ascendentes, veio a obter-se não por intermedio dos esforços das chancelarias, mas pela realisação de uma proeza em que a sciencia, o arrojo, a tenacidade e o heroismo depararam ensejo de se afirmar de um modo verdadeiramente belo e pode dizer-se imprevisito. Essa proeza foi a travessia aerea efectuada por Sacadura Cabral e Gago Coutinho sobre as ondas dos mares, de Lisboa ao Rio de Janeiro. A aviação, que durante a guerra havia desempenhado um papel de singular importancia, precisava de ser utilizada na paz com um proveito indiscutivelmente maior. Mas as viagens de longo curso não passavam de tentativas cheias de incertezas e de perigos quando os dois marinheiros portugueses resolveram demonstrar que elas se podiam fazer com uma segurança até agora desconhecida e uma precisão matemática maravilhosa. Os vôos do «Luzitania», de Lisboa ás Canarias e das Canarias ao arquipelago de Cabo Verde, foram perfectos, mas o que se

effectuou de Cabo Verde aos minusculos pedregalhos de S. Paulo, perdidos no meio do oceano, atingiu as proporções do estupendo! Um acidente para o qual não concorreram em nada os grandes aeronautas evitou que eles prosseguissem desde logo a sua epica viagem; no entanto, as peripecias que se produziram, e em que se inutilisaram dois hidro-aviões, só forneceram ocasião a que fossem postas num relevo já hoje mundial as figuras de Sacadura e Coutinho em que o saber, a valentia, o despreendimento e a modestia se casam e harmonisam, patenteando dois raros caracteres de escol. A segunda parte da travessia, de Fernando Noronha ao Recife, e a terceira e ultima, do Recife ao Rio de Janeiro, completando o triunfo, levaram-se a cabo em plena apoteose... Brasileiros e portugueses, confundidos no mesmo anelo e transfigurados

pelo mesmo jubilo, acolheram com um nunca visto alvoroço e as mais extraordinarias manifestações de regosijo os aviadores da sua raça que primeiro transpuzeram os abismos das aguas interminas e revoltas, desde a Europa á America do Sul, descobrindo o caminho aereo do Brazil como os seus antepassados haviam descoberto o caminho marítimo. A grandeza do feito não o mediou apenas o sentimento, mas o raciocinio dos dois povos irmãos. Portuguezes e brasileiros em terras de Santa Cruz vibraram em unisono, desentranhando-se em aplausos, em gentilezas, em obsequios, em bizarrias... O Presidente da Republica, os presidentes dos Estados, as camaras legislativas, as altas dignidades da Igreja, os altos postos do exercito e da armada, as academias, as corporações scientificas, as mais variadas colectividades, asletras, o jornalismo, as artes, o commercio, a industria, as escolas, ninguém houve que deixasse de se associar (e algumas colonias estrangeiras o fizeram tambem) ás homenagens, aos cultos de que foram alvo Sacadura Cabral e Gago Coutinho, embaixadores da sua Patria, como



O presidente da Republica do Brazil, sr. Epitacio Pessoa, tendo á direita o almirante Gago Coutinho e á esquerda o comandante Sacadura Cabral.

ela ainda não teve outros no Brazil ou onde quer que fôsse. A obra diplomatica destes dois homens eminentes eguala a sua obra scientifica. Oxalá sejam tão fecundas ambas que equivalham a um marco milenario a assinalar na vida de Portugal uma nova época de fortuna e de gloria!

As relações luzo-brazileiras mantiveram-se sempre, atravez das fundas crises politicas dos dois paizes, sem quebra alguma, a despeito dos esforços de uma minoria de anónimos que, além mar, procurou romper os laços que unem os filhos das duas patrias irmãs. Essa minoria volatilisou-se em face da proeza memoranda dos dois aviadores portugueses. A jor-

nada aerea Lisboa-Rio de Janeiro, com todos os seus admiráveis episodios, foi a pedra de toque em que se aquilataram o afecto e a ternura do Brazil por Portugal e a intensidade do amor dos portuguezes, que longe vivem, pela terra onde nasceram e para a qual teem sempre voltados saudosamente os olhos. Por muito assombrosa—e com certeza o foi—a fanfanha de Sacadura Cabral e Gago Coutinho, o acolhimento que tiveram em terras brasileiras nunca assumiria as proporções que revestiu, se a raça não fosse a mesma, se os hos-

que os torna inconfundiveis, no altar da Patria, por cuja fama e gloria se arriscaram á tentativa vitoriosa. Lá de longe, no auge das aclamações em que os envolveram, sob a chuva de flores que os cobriu, estreitados nos fortes braços dos seus compatriotas ou osculados na fronte pelas mais lindas mulheres brasileiras, Sacadura Cabral e Gago Coutinho, em curtas mas expressivas palavras, fizeram saber aos portuguezes de cá o que, n'aquella hora unica, lhes ia na alma. Uma ambição apenas! A de que os filhos de Portugal puzes-



Marcha «aux flambeaux» no Rio de Janeiro, por ocasião da chegada dos gloriosos aviadores

sanas erguidos em honra dos heroes o não fossem na mesma lingua opulenta e viril, musical e louçan, colorida e suave com que Antonio Vieira converteu o sertão a Cristo e Coelho Neto esculpiu, em frases de oiro e bronze, o panegirico dos aeronautas. Povos irmãos somos, na verdade. Não houve, de Pernambuco ao Rio, nenhuma escala da viagem que deixasse de ser a confirmação da unanimidade do pensamento e do sentimento das populações visitadas. Os aviadores-diplomatas, recebendo os testemunhos comoventes do apreço em que são tidos, depuzeram-nos, com o gesto gentil, elegante e simpl s,

sem termo a paixões que desacreditam, a lutas que dilaceram e a dissensões que inutilisam a obra de paz e de reconstrução que n'eles tem os mais decididos peoneiros. Seria, na realidade, lastimavel—para não dizer criminoso—que nos esquivassemos a corresponder com uma radical mudança de vida ao nobilissimo apelo de dois homens que outro premio não solicitam para o seu esforço homérico e para o seu prodigioso feito além da união e da concordia de todos nós... Sem uma e outra, não ha, realmente, heroismos que valham nem maravilhas que redimam!

AVELINO DE ALMEIDA



EM HOMENAGEM AOS AVIADORES

No Ateneu Comercial

A comissão política da freguesia de S. José realizou no Ateneu Comercial, em 2 do mês passado, uma sessão solene de homenagem aos gloriosos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

O chefe do Estado não pôde assistir, sendo convidado a tomar a presidência em seu lugar o capitão de fragata sr. Coriolano da Costa, chefe do gabinete do sr. ministro da marinha que também representava.

A sessão decorreu com muito brilho, falando em primeiro lugar o tenente-co-

ronel sr. Helder Ribeiro, seguindo-se-lhe o capitão aviador sr. Antonio Maia e os srs. Barros Lima, Sousa Neves, em nome da Camara Municipal, Henrique de Carvalho, Alexandre Bento e Eduardo Sinões, membro da Comissão patriótica

da freguesia de S. José, que encerrou a série de discursos, pondo todos em relevo o feito glorioso dos aviadores portugueses, que tanto contribuiu

para mais apertar os laços de confraternização que nos ligam á grande republica do Brazil.

Antes de abrir a sessão houve concerto pelo sexteto do Asilo Antonio Feliciano de Castilho e pela banda da armada, tendo-se também feito ouvir e aplaudir um grupo de educandas do Asilo de S. João, que entoou interessantes canções.

O fecho artistico da festa foi

posto pelas alunas do eximio professor de canto sr. Artur Trindade, que executaram com brilho varios numeros, todos eles vivamente applaudidos, sendo muito felicitados professor e executantes pela assistencia tanto de senhoras como de homens.



O maestro Artur Trindade com o tenor Alvaro Sá e as suas discípulas



As sr.^{as} D. Maria Ferraz e D. Margarida Mornati Trindade



As sr.^{as} D. Fernanda Gaspar de Carvalho e D. Ema Cordelro.

No Salão do Conservatorio

Homenagem aos aviadores



O capitão aviador sr. Lelo Portela, que discursou brilhantemente

CONSTITUIU uma das mais brilhantes homenagens a Gago Coutinho e Sacadura Cabral a sessão solene promovida pela Junta da Freguezia das Mercês, que se realizou no Salão do Conservatorio, sob a presidencia do sr. ministro da Marinha, orando eloquentemente o capitão aviador sr. Lelo Portela. A distinta artista sr.^a D. Irene Grave recitou magistralmente um belo soneto do sr. Raposo de Oliveira, entrando no salão 03 crianças vestidas pela benemerita junta que é digna de todo o elogio.

Seguiu-se depois um sarau em que tomaram parte festejados artistas

como D. Maria de Lourdes Cabral, D. Ana de Oliveira, Jorge Grave, Silvestre Alegim, Seta da Silva, Jaime Zenoglio e Antonio Nascimento, sendo todos muito aplaudidos, bem como o brilhante trio de piano, violino e vio:ncelo, constituído pela sr.^a D. Celestina Belo de Carvalho e pelos meninos Celso e Celeste de Carv. lho.



1 - As actrizes D. Maria de Lourdes e D. Irene Grave. 2 - Os artistas que tomaram parte na festa. 3 - O sr. Ministro da Marinha presidindo à festa. 4 - A apresentação das crianças no tablado

O "raid" ao Rio de Janeiro e a provincia



No Fundão.—A mesa da estação telegrafica e postal quando veio a noticia da chegada ao Rio de Janeiro



No Fundão.—Uma rua atapetada de flores e de verdura
(Clichés do amator sr. Afonso dos Santos)



Na Guarda.—Aspecto da manifestação aos avjadores defronte do edificio dos correios. (Cliché Aires).



Um trecho da Ilha das Flores

O Príncipe de Monaco

O SEU AMOR PELOS AÇORES

PORTUGAL perdeu um grande amigo no príncipe Alberto de Monaco, falecido em 26 do mez passado. Sentiu-se muito essa perda em todo o paiz; mas ha um recanto dele, desgarrado no Atlantico, onde o illustre homem de sciencia deve ter sido chorado, como se chora a quem nos prende o coração. São os Açores.

Desapareceu o sabio e paciente prescrutador da meteorologia caprichosa dos seus mares e das raridades que eles encerram; o fino e apaixonado arauto das supremas belesas e do estranho relevo do seu solo, talvez a mais fantastica obra de quantas tem sido até hoje fundidas na fornalha vulcanica; o amigo simples, acessivel e carinhoso dos que passam uma vida de luta, de canceira e de desastres sobre o mar e que, em vez de o maldizerem ao regressar á choça, adormecem acalentados pelos seus bramidos furiosos, como se fossem uma terna cantilena, e sonham constantemente em voltar á faina no dia seguinte.

Todas as ilhas tinham encantos para o genio contemplativo, para a delicada sensibilidade artistica de sua alteza, e uma infinita diversidade de objectos de estudo para o seu profundo exame scientifico; mas a sua visivel predilecção era pela ilha das Flores. Ali, é que a natureza dèsses nove fragmentos plutonicos da lendaria Atlantida se lhe impunha soberba nas suas rochas, nas suas crateras, na sua vegetação, nas suas fontes e em muitas outras coisas, que fazem uma deliciosa harmonia com a vida simples dos seus habitantes.

Comparavel ao prazer com que sua alteza se sentia na Ilha das Flores, só o que confessava experimentar na vizinha Ilha do Corvo o celebre estadista Mousinho da Silveira, cuja ultima vontade foi a de ser sepultado ali entre a unica gente que soube ser-lhe grata.

Do mar das Flores, tentava principalmente o príncipe de Monaco a pesca nas suas riquissimas costas e o estudo afincado das ramificações do *Gulf-stream*, que passam entre aquella ilha e a do Corvo. Ha n'ela dois pontos a que, nas suas viagens, ele nunca deixava de ir:—a Furna dos Enchareus e Caldeira Funda das Lagens.

A primeira é uma cavidade enorme, com entrada pelo mar, aberta nas rochas altissimas da Ponta da Caveira. E' tão grande e tão alta que, com o seu fundo de doze braças, permite que lá entre e saia um navio! Lembram-se de certo da historia do *Alabama*, o famigerado navio fantasma, armado em corsario por occasião da guerra entre as provincias do sul e as do norte dos Estados Unidos, o qual percorreu todos os mares, apressando 63 navios em 22 mezes, até que foi metido ao fundo em 1864, num combate que o tornou verdadeiramente glorioso pela heroidade dos seus tripulantes.

Pois o *Alabama* que visitava a miude os Açores, onde recebera o seu armamento e valente guarnição, travou muitos e rijos combates deante das ilhas. Uma vez, perseguindo uma corveta franceza, nas aguas das Flores, esta procurou refugio nos recessos reintrantes da ilha. Pois ahi mesmo a foi atacar o *Alabama*, sem medo dos recifes, e ela, num ultimo lance, para se ver livre do seu implacavel perseguidor, arriou os mastareus e entrou pela celebre furna, que deve o seu nome ao enchareu, peixe saborossissimo do tamanho de uma pescada grande, que em espantosa quantidade se acolta nas suas aguas remançosas e sombrias.

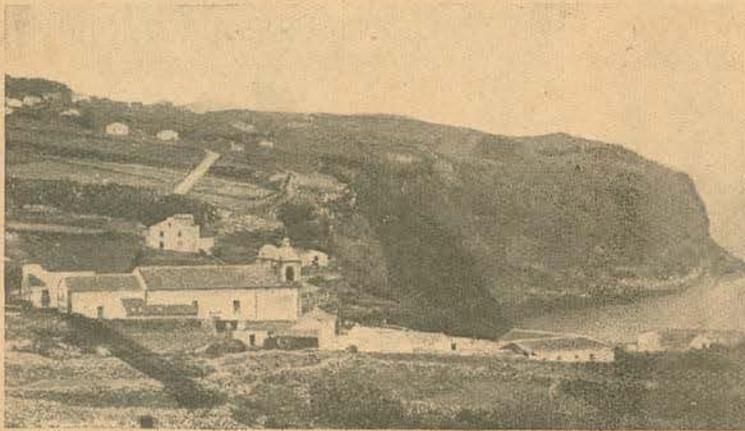
A outra visita invariavel de Alberto I era á Caldeira Funda das Lagens, sempre acompanhado, como aliás em todas as suas peregrinações scientificas nos Açores, pelo nosso eminente sabio o coronel Afonso Chaves, uma verdadeira autoridade em questões meteorologicas e astronomicas, e escritor distinto, por quem o arquipelago nutre uma afeição, com a mesma sinceridade retribuida.



O príncipe Alberto de Monaco

As Flores possuem umas poucas de caldeiras. Denominam-se assim as lagoas formadas em depressões do terreno e em crateras de vulcões extintos ha muitos seculos, entupidos e com os vestigios igneos quasi apagados. As aguas de umas sobem a pouco menos do nivel da terra circumjacente; as da maior parte, porém, dormem manamente no fundo de rochas escarpadas, com centenas de metros de altura, em muitos pontos cortadas a pique e impraticaveis. Quando, de lá de baixo, erguemos os olhos para as bordas dêsse abismo, mal se distingue uma pessoa, e passa-nos pelo espirito, engolfado numa meditação profunda como aquelas aguas, a hipotese arrepiante da subversão de tão formidaveis barreiras e de uma nova arrancada do fogo central, que nos projectasse ás nuvens, de envolta com o seu vômito de vapores e de materias em fusão.

Mas, quando voltamos acima, que espectáculo arrebatador! Resurgimos de um tumulto! Em volta de nós, tudo é verde e florido como numa primavera eterna. Ondulações suaves do terreno nem sequer deixam



As Lagens das Flores e a Ponta do Capitão

supôr que a meia duzia de passos se encontre escancarada semelhante ferida na crosta terrestre. Não ha um palmo de chão que não esteja espessamente revestido, como se lhe entornassem por cima caudais de materias corantes fundidas. Nunca se viram, por exemplo, tantas etão variadas hortensias a medrarem no meio do mato, com mais pujança, com mais graça, do que em vasos nos nossos jardins e cercadas de cuidados extremos.

Passava ali horas o principe de Monaco e vogava sobre as aguas da caldeira num barco de lona, que lhe conduzia o seu pessoal. Ele proprio, a presenteou um dia com uns casais de carpas. Havia nela apenas os peixes vulgares, e intragaveis por insipidos, que ha nos nossos tanques e, ainda assim, graças aos esforços patrioticos de um florentino dedicado e inteligente, como foi o falecido José Caetano Henriques, que dotou a ilha de muitas coisas que lá não havia. Hoje pescam-se na pitoresca e funda caldeira os melhores exemplares de carpas, que entre nós se conhecem.

O principe Alberto deixa ainda o seu illustre nome abençoadamente ligado ás Lagens por outro facto: a descoberta de um inextinguivel pesqueiro defronte da Ponta do Capitão. Chamam-lhe a «Pedra do principe do Monaco», pedra que se não vê, porque está muito abaixo do nivel do mar. Nesse ponto a afluencia de peixe é enorme, tendo hoje aí o monopolio da pesca só três homens do mar, cujos nomes recorde, não para os apontar á indignação geral contra os mono-

polistas, mas para se ver que nem as proprias riquezas do mar lhes escapam. São Manuel Antonio de Frias, Francisco Jacinto e Mauricio Rogrigues Gomes.

Observavam eles de longe que sua alteza apanhava muito peixe num certo ponto. Assaltou-os a cubiça. Não havia penedo que aflorasse a superficie do mar e marcasse, por consequente, o local. Disfarçadamente e ao largo, no seu barquinho, fizeram uns enfiamentos, isto é, procuraram por meio de linhas tiradas a olho,—permita-se-me a expressão—para diferentes pontos da costa, e determinaram precisamente o pesqueiro com essas linhas. Quando, agora, outros lhes querem fazer o mesmo que eles fizeram ao Principe de Monaco, levantam logo poiso do pesqueiro, apenas avistam qualquer barco nessa direcção. Ou eles não fossem feitos do mesquinho barro humano!

Por estes e por outros muitos casos, que vincam as viagens do benemerito homem de sciencia aos Açores, a sua memoria fica ali saudosa e eternamente arreigada na alma popular. E não ha verdadeira imortalidade, senão quando a nossa vida e os nossos actos deitam raizes nesse grande e fecundissimo campo.

Por isso, no continente, sentiu-se deveras a perda de sua alteza o principe Alberto de Monaco; mas, nós, os açorianos, choramos tão inesquecível perda como a do homem que, nos ultimos anos, mais se nos uniu pelo coração e maiores provas nos deu do eternecido apreço pela nossa terra.

*
*
*

E vem a proposito acentuar que os estrangeiros teem pelos Açores mais viva e entranhada admiração do que os nacionais. Portuguezes de fóra das ilhas vêem-se ali muito poucos, atraídos pela velha tradição da afa-



A Ponta do Capitão, na frente do qual fica o pesqueiro do principe de Monaco

vel hospitalidade dos seus habitantes, pelo seu clima privilegiado, pela sua vegetação exuberante, em que se reúnem no mais extraordinario conjunto de folhas, de flores e de frutos as plantas dos tropicos, como a dos paizes temperados e frios,

Todos os verões dá-se um verdadeiro exodo de familias portuguezas atravez das nossas fronteiras e do mar em demanda de novo ar, de novos costumes, de novos regalos de corpo e de espirito. Dispendem-se rios de dinheiro em visitar terras estranhas, que não oferecem muitas vezes mais deleites do que alguns recantos do nosso paiz, do Minho ao Algarve, e das ilhas que temos a uma distancia maxima de 3 dias, de Lisboa á primeira.

Mas o que é nosso não tem graça, porque não põe

ao viajante a nota *chic* de ter ido ao estrangeiro. Não importa que se gaste muito menos dinheiro em percorrer a terra portuguesa de comboio e de automovel, colhendo de toda ela a verdadeira noção do que somos, do que possuímos de rico e de belo, de que ainda se trabalha entre nós num grande anseio da felicidade e do engrandecimento do proprio paiz.

Quem mais visita os pontos decantados do continente e das ilhas, e por isso, quem os conhece melhor é o estrangeiro. Não ha americano, nem inglez, que não tenham uma legitima ufania de haver visitado os Açores. Sobrepõem o prazer e o bom tom dessa viagem aos de outras, com que nos sentimos altamente lisonjeados e que temos feito de preferencia.

As ligações açorianas de caracter economico com a America do Norte deriyam, sem duvida, muito do campo de larga actividade, que ela, ha seculos, nos oferece sobre o seu vasto e feracissimo solo e nos seus navios espalhados por todo o mar. Mas o que as tem desenvolvido e cimentado fortemente são as de caracter moral.

O americano ama o açoriano, e reciprocamente. Começou-o a amar nos estados de Oeste, vendo-o trabalhar com nervo, com disciplina, com um grande espirito



A Caldeira Funda das Lagens



O porto da Lagens das Flores, onde desembarcava o principe de Monaco



A ponta da Caveira em cujas rochas se abre a Furna dos Enchareus

de solidariedade, e acabou por o estremecer, ao visital-o nas suas lindas ilhas, tão simples, tão trabalhador, tão bom ainda, apesar da rajada de descrença, de anarquia e de mandria que está varrendo a face escalavrada da velha Europa.

Nos exercitos que enviou para França muitos dos seus soldados eram açorianos; nos navios, em que deu caça aos do inimigo, açorianos eram tambem muitos dos seus marinheiros. E quando os Estados Unidos estabeleceram uma base de operações nos Açores, os seus povos, ao passo que no continente viviamos com dificuldade,

os seus povos tinham tudo de bordo dos fartos navios da America por um preço infimo, o preço do seu custo, e ás vezes menos, como se repartissem os generos com irmãos.

Nesse tempo não nos cansámos de encarar essa bela obra de confraternisação. Escrevendo agora do grande amor de um estrangeiro dos mais illustres, como foi sua alteza o principe Alberto de Monaco, pelos Açores, não podemos resistir a tão consoladora recordação.

ANTONIO MARIA DE FREITAS.





Um trecho da Serra da Estrela, vendo-se a capelinha da N. S. da Guia —quasi sumida entre os pinheiros

Aqueles que mourejam a vida longe da sua pátria, guardam no seu tesouro de saudades, entre as recordações mais queridas, as de todo o genero de festas da sua terra, passando-lhes pelo espirito, nas horas de nostalgia, as musicas e o repique agudo dos sinos, as danças alegres e desenvoltas e as procissões graves e solemnes, os cantares esfuziantes ao desafio e os canticos compassados e plangentes d'egreja.

Nossa Senhora da Guia tem o seu culto em um grande numero de freguezias, porque o crente invoca-a a cada passo na jornada incerta da vida. Em Loriga, vila antiquissima da Beira, a que D. Manuel outorgou foral em 1514, fortemente assente n'uma encosta da Serra da

NA SERRA DA ESTRELA

Uma festa religiosa a 800 metros de altitude

TODAS as festas, que traduzem a simplicidade do viver dos povos e das suas crenças, oferecem uma nota de particular encanto. E alguns conservam-nas tão vivas, de um sabor tão primitivo, que se sentem que foram transmitidas de geração em geração, com a fidelidade e o cuidado que merece uma preciosa herança moral.

Estrela a 800 metros de altitude, pouco mais ou menos, tambem ella tem a sua festa, a que não faltam musica, procissão e sermões, afluindo ali inumeros devotos de toda aquella serra nã soberbamente alcantilada.

E a Senhora lá tem n'uma iminencia respeitavel a sua capelinha cuidadosamente branqueada e adornada. Vemo-la de longe,



Um aspecto da preciosa vila de Loriga



Esperando que a procissão saia

A proxima caminho da Loriga



(Corte do distinto amador Gabriel Mala).



Os devotos a caminho da capelinha depois de uma volta pela serra para lá chegarem

esgueirando-se com dificuldade d'entre os abraços apertados da verdura que a cerca. Não metem medo aos devotos aqueles caminhos dificeis de trilhar. Guindam-se serra acima em grupos de todas as edades, como se a fé reavigorasse as pernas tremulas dos velhos. E' curioso depois ve-los descer a ladeira, quasi em massa, caprichosamente irisada das cores variegadas do seu vestuario, principalmente dos tra'os typicos das mulheres da Beira.

As casas da vila como as outras dispersas por aqueles cêrros despovoam-se. Só os que e não se podem arrastar, só os que, nem pelo braço de outros, podem dar passada é que deixam de ir, pelo menos assistir á passagem do andor da Santa e ao desfilar do interessante cortejo.

O RIBEIRINHO

— «Bons dias, ribeirinho saltador!»
Dizem, quando êle passa, os salgueirais.
«Porque não páras? Com que pressa vais!
Tem dó de nós... Pára um nadinha amor!»

— «Vou apressado, pois se assim não fôr
Talvez a azenha não trabalhe mais.
Salgueirais tristes, porque me chamais
Se não posso valer á vossa dôr?»

«Lá vem a séca, já se vê no ar.
Pois não sentis o sopro do suão,
Não mirraram as folhas do pomar?»

«Não me chameis, que chamareis em vão.
Se a azenha não moer, não trabalhar,
Onde hão de os pobres ir buscar o pão?»

ACACIO DE PAIVA



NOTAS SPORTIVAS



O entusiasmo pelos exercicios fisicos cresce constantemente em Portugal. Só ha motivos para que nos felicitemos porque assim suceda. Uma das melhores defezas da raça consiste no desenvolvimento criterioso dos sports. Entre aqueles cuja cultura mais se recomenda á nossa mocidade mencionaremos a natação e o remo. Pois não dispomos nós de uma longa costa maritima, de portos magnificos, de um estuario incomparavel como o do Tejo, e de excelentes rios? A natação e o remo são, sportivamente, os exercicios mais completos. Pena é que os não cultivem com a largueza e o ardor que as nossas condições geograficas de todo o ponto justificariam. A festa nautica realisada ultimamente no Bom Su-



cesso, em honra de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, e cujo producto se destinou ao Instituto de Socorros a Naufragos e ao Padrão dos Aviadores, permitiu que apreciássemos as aptidões de nadadores e remadores distinctos em desafios de «water-polo», corridas de natação e de remos e sobretudo as vantagens dos sports a que se dedicam. Todos os nossos votos são por que estes se desenvolvam e assumam o primeiro lugar entre quaisquer outros. Não nos esqueçamos de que fomos um povo de marinheiros e que os recursos naturais da nossa terra constituem um permanente desafio que seria criminoso não aproveitar. Bem hajam, por isso, os clubs que consagram um especial carinho á natação e ao remo!

NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

Uma elegante festa de caridade



Alguns convidados e outras pessoas que tomaram parte na festa de caridade

DURARAM 4 dias, mantendo cada vez maior brilho e animação, se é possível,

uma distinta comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, presidida pela Sr.^a Baroneza de Nasuer Barham a favor da «Associação das Senhoras de Caridade», que tantos títulos tem de benemerencia.

Ha muito que não vemos reunidas tantas senhoras e meninas do nosso mais graduado meio social, ocupando-se com tanta dedicação como gentileza em angariar meios para que aquela associação continue a sua obra benemerita de filantropia.

Muitas delas, vestindo encantadoramente á moda do Minho, vendiam flores, frutas, quinilharias, refrescos e gelados, pinhão novo, alcachofras e uma infinidade de objectos variados, sobressaindo entre eles umas artisticas e belas estatuetas de Santo Antonio, feitas em barro das Caldas.

Logo á entrada, em frente da porta, erguia-se a barraca da kermesse, por assim dizer afogada em concorrência que lhe esgotava rapidamente as rifas, levando em troco brindes de muito gosto e de não menos valor.

Nas salas do primeiro andar servia-se chá, fazendo-se ouvir um sexteto que mais parecia de mestres do que de amadores, dançando-se animadamente ao som dele.

Não deixaremos ainda lembrar a barracopomar, bem imaginada e melhor executada. Estava um encanto. Parecíamos transportados a um delicioso recesso das nossas aldeias, sentindo-se a simplicidade, a frescura e o bem estar que os primeiros calores do estio já nos estão impelindo a buscar no campo.

Tomaram parte saliente na festa as alunas



Um par interessante

a festa de caridade promovida no vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes por



Um aspecto do conjunto das alunas dos distintos professores de dança, srs. Eduardo Ferrelra e Ernesto Zenoglo, que tomaram parte na festa.

do Colegio Parisiense e os alunos do insigne *maestro* sr. Artur Trindade, sendo umas e outras carinhosamente acolhidas pela seleta assistencia. As primeiras, vestidas a caracter, cantaram musicas populares e dançaram com requintada graça e perfeição. Os alunos de Artur Trindade, regidos pelo seu professor, cantaram superiormente a «Nuit de Azur», o

Sr.^a D. Ema Cordeiro, cuja voz, esplendido talento e excelente escola, em muitas outras festas e audições tem-lhe merecido os elogios de artista cansagrada.

Um dos numeros do programa das festas que mais interesse despertou foi a leitura da «buena-dicha», feita pela S.^a D. Sara da Mota Cardoso, com uma graça e um «savoir-faire»



Outro par destacado do conjunto



Mais um par destacado do conjunto

celebre côro de Beethoven e a melodiosa canção original do festejado compositor sr. Soeiro da Costa, «Pinheiros á beira-mar», que foi bisada, recebendo os executantes, o seu mestre e o autor da musica repetidos e quentes aplausos.

Justo é especificar que os solos da canção «Pinheiros á beira-mar» foram cantados pela

verdadeiramente delicioso. Todos queriam ouvir, á porfia, da boca de tão gentil leitora, duas palavras que fossem sobre o seu futuro. Uns sorriam-se, outros aparentavam de serios; mas quem sabe a quantos sairá certa a predição das cartas estendidas por aquelas mãos tão patricias?

(Clichés Salgado).

A FESTA DA FLOR E A OBRA DA CRUZ VERMELHA



Grupo de senhoras da Marinha Grande, que promoveram a Festa da Flor em benefício da Cruz Vermelha. Sentada a comissão. Da esquerda para a direita: as sr.^{as} D. Beatriz Ferreira Vale, D. Branca Kendal de Almeida Coutinho, D. Maria Amaro Alves, D. Laura Silva Faria e D. Leonor Gandara

NÃO se apagam tão cedo os ecos do que foi, por todo o país, a «festa da flor» a favor da Cruz Vermelha. Tivemos uma primavera esplendida. Em varios pontos ha muito que as roseiras, os craveiros e os malmequeres não se desfaziam em flores tão abundantes e perfeitas. A natureza quiz ajudar esta grande obra de filantropia com uma profusão extraordinaria de maravilhas saídas de todos os jardins.

A abundancia de flores correspondeu o abundante numero de senhoras que este ano tomaram parte na festa. Tudo flores. Entre umas e outras era muitas vezes difficil pronunciar-nos por quais delas eram mais lindas e louças.

Senhoras, meninas e creanças parece que se nivelavam na agilidade, na gentileza, na graça irresistível com que nos ofereciam as flores. Ea maior parte dos homens traziam o peito constelado dessas novas e graciosissimas condecorações, que atestam talvez a maior heroidade, nestes tempos de atroz egoísmo que atravessamos, isto é, a de arrancar alguns escudos da carteira, absten-do-se um dia de superftuidades para ir suavisar dores e enxugar lagrimas aos que sofrem.

Foi consideravel a receita, ainda bem, não só nos grandes centros, como nos pequenos. Não houve ninguem que dentro das suas posses não se apressasse a corresponder ao gracioso apelo que lhe faziam. Todos deram. A vida está brutalmente difficil; mas, muito ou pouco, todos contribuíram, embora muitos com uma migalha, tendo o abençoado valor do ceílil da viuva, de que nos fala a parabolá.

A Marinha Grande, o nosso primeiro centro vidreiro, foi uma das terras da provincia em que a festa decorreu com mais brilho e alegre entusiasmo, sendo o resultado excelente. A comissão de senhoras encarregada de a promover, collocou-se, pelos seus dedicados esforços, acima de todo o elogio. De certo que está no espirito de toda ela, como no de todos os que presenciaram o decurso da festa, o destacar a sua presidente, a Sr.^a D. Maria Amaro Alves.

Na Marinha tambem ha uma delegação da Cruz Vermelha. Dos serviços que essa delegação tem prestado inferem bem os povos do concelho quaes os beneficios gerais prestados pela benemerita instituição, de norte a sul do país.

Ha pessoas que imaginam que a Cruz Vermelha e outras cruces de varias cores que possuímos, mas todos elas do mesmo altruismo e do mesmo alcance humanitário, só necessitam verdadeiramente da cooperação publica em tempo de guerra. Puro engano!

Terminam as guerras entre os povos; mas infeliz-

mente elas nunca terminam entre os homens. Pelo contrario, recrudescem todos os dias, desmentindo sanguinarmente a decantada civilização humana. Os povos reduzem o seu armamento; os homens aumentam as suas navalhas e as suas pistolas; os povos vão para as conferencias procurando evitar o trucidarem-se como aconteceu ha pouco; os homens procuram-se para se anavaharem e para se vararem o coração com uma bala.

A Cruz Vermelha tem de acudir de dia e de noite á guerra facinorosa dos homens e tem de estar prevenida, em constante vigilancia, para a guerra dos povos; porque estes são formados daqueles, mas tem a mais a diplomacia, com que sabem velar os seus odios e ambições até ao momento de explodirem.

Que nunca falem, pois, recursos á Cruz Vermelha.

A. M. F.

(Clichés do Sr. Severo Santos, fot.—Marrazes—Leiria)



Carro da delegação da Cruz Vermelha da Marinha Grande que tomou parte no cortejo da festa da flor. A' direita do carro o alferes sr. Antonio Alves e á esquerda o sargento sr. Antonio dos Santos.

NA ESCOLA MATERNA DA AJUDA



A venda na kermesse

A simpática e benemerita Escola Maternal da Ajuda, onde os pequeninos orfãos encontram segundos carinhos de mãe, também tem o seu mealheiro. No dia 29 do mês passado fez-se uma festa a favor dêsse mealheiro e a assistencia, que esteve muito animada, demonstrou bem quanto apreciava a excelente obra humanitaria de tão prestante instituição.



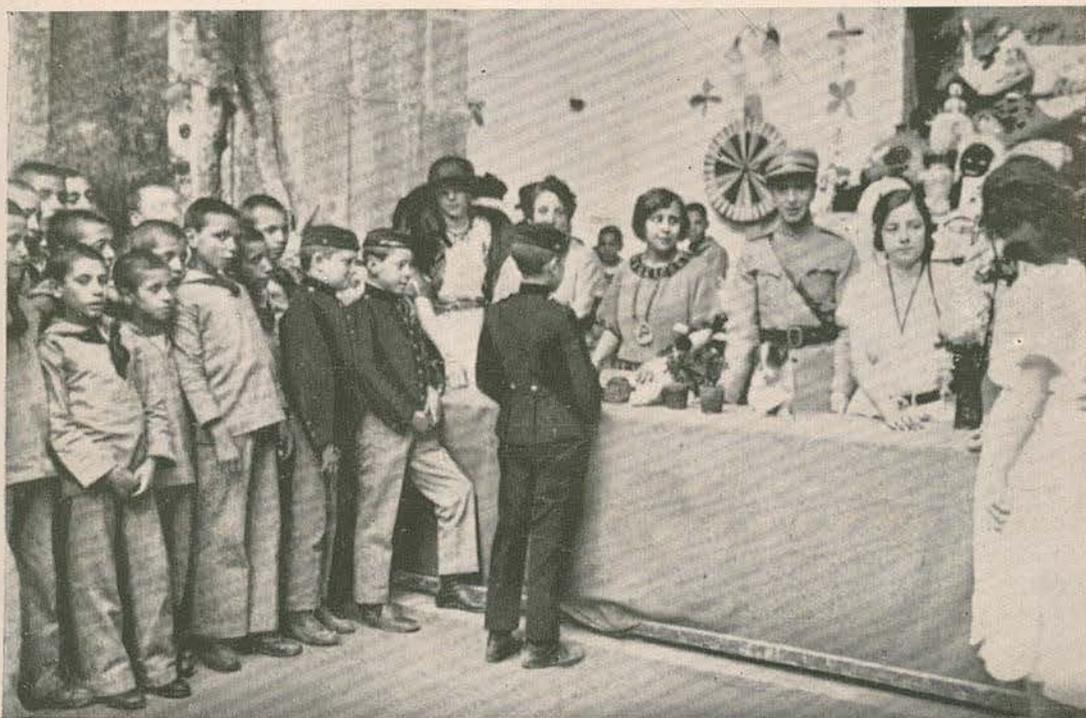
A directora sr.^{na} D. Ilda Jorge de Bulhão Pato — As creanças da escola com a sua directora e outro pessoal

(Clichés Salgado).

ACTUALIDADES



Os antigos alunos dos collegios de Campolide, S. Fiel e S. José, na sua brilhante e comovedora festa de confraternização no dia 26 do mês passado



Um aspecto da festa no Instituto Profissional dos Pupilos do Exército a favor da sua Mutualidade

UM PINTOR PORTUGUÊS EM PARIS



«Impressões de viagem»



O pintor sr. José Campas

E' com prazer que registamos nesta pagina os ultimos trabalhos feitos em Paris pelo moço artista e que teem sido objecto de calorosas apreciações.

JOSE' Campas, o talentoso pintor, tão conhecido em Lisboa pelas suas brilhantes exposições, uma das quais, talvez a mais notavel, foi feita no Salão da «Ilustração Portuguesa», encontra-se ha tempo em Paris, onde o seu «atelier» é o ponto de reunião de muitos artistas e homens de letras.

Trabalhando sempre sem descanso, como quando estava em Portugal, a sua obra avoluma-se consideravelmente de dia para dia, tendo já na sua bagagem artistica muitas telas de alto valor, quer pelo desenho quer pelo colorido.



«Uma pagina de Musset»

CASAMENTO ELEGANTE



Os noivos : A sr.^a D. Marla Numalz de Saraiva Lobo Pina de Aragão e o sr. Marcelino Benito Bolz. O casamento reallsou-se no antigo solar que os pais da noiva possuem na Vela (Beira Baixa)



Os noivos com os seus convidados

A FEIRA DE PARIS



Feira de Paris no Campo de Marte. — Instalações destinadas às maquinas agrícolas, vendo-se ao fundo a Torre Eiffel



Feira de Paris no Campo de Marte. — Pavilhões desmontáveis, contando-se entre eles o da administração